

UMA ANÁLISE CRÍTICO-DISCURSIVA DA POLARIZAÇÃO OCIDENTE/ORIENTE NA POLÊMICA SOBRE O ATAQUE À REVISTA *CHARLIE HEBDO*

Ana Clara Partelli MARCHETE¹

Julia ALMEIDA²

<http://dx.doi.org/10.21165/gel.v18i2.3110>

Resumo: Este artigo é baseado na polêmica entre liberdade de expressão *versus* limites éticos para a prática do humor, que foi suscitado com o atentado à revista *Charlie Hebdo*, em 2015, buscando no escopo da Análise Crítica do Discurso, de Teun van Dijk (1998, 2005, 2015, 2016), e da Teoria da Polêmica, de Ruth Amossy (2017), indagar como as formas de apresentação e qualificação dos atores envolvidos interferem no debate e reacendem a polarização e posicionamentos entre Ocidentais e Orientais no discurso jornalístico brasileiro. A partir de análise de excertos de nove textos da *Folha de S. Paulo*, publicados logo após o ataque em 2015, analisamos a polarização entre grupos e as estratégias de descrição de atores envolvidos: por um lado, terroristas, muçulmanos (Orientais), que praticaram o atentado, e, por outro, vítimas (Ocidentais). Os resultados deste trabalho permitem observar a semântica eurocêntrica e a assimetria na cobertura desse acontecimento, que podem servir à análise de outros fatos violentos e recentes que dizem respeito à produção do humor, como também atualizam aspectos do discurso eurocêntrico na contemporaneidade a partir de uma articulação teórica inovadora.

Palavras-chave: Polêmica. *Charlie Hebdo*. *Folha de S. Paulo*. Polarização. Eurocentrismo.

1 Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil; anapmarchete@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0001-9558-1255>

2 Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil; almeidajuliamc@gmail.com; <http://orcid.org/0000-0003-2430-4116>

- | Uma análise crítico-discursiva da polarização Ocidente/Oriente na polêmica sobre o ataque à revista *Charlie Hebdo*

A CRITICAL-DISCURSIVE ANALYSIS OF THE WEST/EAST POLARIZATION IN THE CONTROVERSY OVER THE ATTACK ON CHARLIE HEBDO MAGAZINE

Abstract: This article is based on between freedom of speech *versus* ethics limits for the practice of humor, it was evoked from the attack on *Charlie Hebdo* magazine in 2015, seeking in the scope of Critical Discourse Analysis, by Teun van Dijk (1998, 2005, 2015, 2016), and the Theory of Polemic, by Ruth Amossy (2017), to investigate how the ways of presentation and qualifications of the actors involved interfere in the debate and rekindle the polarization between Westerns and Easterns in the Brazilian journalistic discourse. Based on the analysis of excerpts of nine texts from *Folha de S. Paulo*, published after the attack, we analyze the polarization between groups and the description strategies of actors involved: in one hand, terrorists, Muslims (Easterns), who committed the attack, and, on the other, the victims (Westerns). The results of this article allow us to notice the Eurocentric semantics and the asymmetry in the news coverage, it can serve to analyze other violent and more recent facts about the humor production and also to update aspects of Eurocentric discourse in the contemporaneity based on an innovative theoretic articulation.

Key-words: Polemics. *Charlie Hebdo*. *Folha de S. Paulo*. Polarization. Eurocentrism.

Introdução

O ataque à revista *Charlie Hebdo* foi um marco na discussão sobre liberdade de expressão e limites éticos para o humor e vem servindo de enquadre para o debate sobre acontecimentos recentes de violência a humoristas. Entendidas como pólos de uma polêmica, as *hashtags* *Eu sou Charlie*, *Eu não sou Charlie* e *Eu sou Charlie, mas...* foram pesquisadas por Possenti (2016) a partir da perspectiva da Análise do Discurso de linha Francesa (AD Francesa), analisando-se os respectivos posicionamentos por meio de simulacros ou *interincompreensão*.

Na dissertação intitulada *Mais notícias sobre o atentado à Charlie Hebdo: a representação social dos religiosos islâmicos na Folha de S.Paulo*, foi analisada sob o viés da Análise Crítica do Discurso (ACD) a cobertura da *Folha de S. Paulo* ao referido ataque quanto aos diversos grupos envolvidos no atentado, observando-se à luz do conceito de polarização intergrupar ou quadrado ideológico de Teun van Dijk (2015) a representação de vítimas, policiais, terroristas, manifestantes e comentaristas de ambos os lados da polêmica.

Este artigo pretende voltar a alguns textos da *Folha de S. Paulo* sobre o ataque, situando-os inicialmente no âmbito da Teoria da Polêmica, de Amossy (2017), de modo a colocar em pauta o debate que circulou na mídia brasileira sobre a liberdade de expressão, buscando estabelecer um diálogo entre algumas de suas categorias e aspectos da teoria de van Dijk (1998, 2005, 2015, 2016), considerando que ambos tratam do fenômeno da polarização entre grupos sociais e da desvalorização ou desqualificação de grupos adversários. Pensamos que a polarização entre grupos, postulada por Amossy na Teoria da polêmica, pode ser aproximada do quadrado ideológico proposto por van Dijk, de modo a permitir a observação de estratégias de auto e outroapresentação, isto é, de valorização e qualificação de um Nós e desqualificação de um Eles, ampliando o entendimento da polarização de grupos sociais no âmbito das teorias discursivas.

Partimos de questões gerais que envolvem o conceito de polarização de Amossy, indagando quais grupos sociais formam os polos nesta polêmica sobre a revista *Charlie Hebdo* e ocupam os papéis de proponentes e oponentes, para então problematizar como a *Folha de S. Paulo* representa e qualifica os atores envolvidos e se tende a assumir a perspectiva de um dos lados da polarização. Nossa hipótese é de que esses grupos polarizados que assumem o papel, respectivamente, de proponente e oponente, atualizam uma antiga querela entre Ocidentais e Orientais, mais especificamente oportunizam a emergência do discurso eurocêntrico que pode ser evidenciado por intermédio de tópicos, termos e expressões que surgem nos depoimentos veiculados.

Em termos teórico-metodológicos, a relevância deste artigo consiste em fundar sua análise em um conceito expandido entre duas teorias da polarização (VAN DIJK, 2015, 2016; AMOSSY, 2017), buscando ampliar seu quadro de análise, conceito que temos visto crescer como enquadre nos debates públicos sobre discursos políticos, midiáticos, jurídicos etc., que têm sido frequentemente considerados polarizados. Também ampliamos a análise de fenômenos discursivos relacionados a humor, que vem se tornando um campo alvo de reações violentas em todo o mundo, confrontando posicionamentos políticos mais ou menos conservadores.

Análise Crítica do Discurso e a Teoria Sociocognitiva de van Dijk³

De acordo com Wodak (2004), a Análise Crítica do Discurso é uma abordagem da Linguística Crítica⁴ que tem por objetivo estudar a relação entre linguagem e poder.

3 Este tópico e o de análise se baseiam em partes da dissertação *Mais notícias sobre o atentado à Charlie Hebdo: a representação social dos religiosos islâmicos na Folha de S. Paulo* (2020).

4 Segundo Apt (2010), a Linguística Crítica, daqui para frente LC, é uma filosofia de abordagem da linguagem cuja preocupação é teorizar a linguagem como uma prática social, buscando mostrar como as relações

- | Uma análise crítico-discursiva da polarização Ocidente/Oriente na polêmica sobre o ataque à revista *Charlie Hebdo*

Por isso, essas pesquisas são voltadas para os discursos institucional, político, de gênero social e da mídia (no sentido mais amplo), que materializam relações de luta e conflito (WODAK, 2004). Desse modo, infere-se que os analistas críticos do discurso assumem um compromisso político e engajado quanto às relações de dominação que ocorrem na sociedade e um posicionamento, levando em consideração a perspectiva de grupos estigmatizados.

Considerando que a linguagem é um meio de dominação e força social que serve para legitimar relações de poder, o objetivo da ACD é estudar criticamente como o poder se manifesta na e pela linguagem, configurando-se como abuso de poder, e levando, conseqüentemente, à desigualdade social. Van Dijk (2015) propõe sua perspectiva de ACD como *Estudos Críticos do Discurso*, doravante ECD, reforçando que caráter transdisciplinar, que não se constitui em um método fechado de análise, sempre se abre a diversas teorias que servem aos estudos de discurso.

Em *Ideology: a multidisciplinary approach* (1998), van Dijk explica detalhadamente a tríade cognição-discurso-sociedade, que caracteriza a Teoria Sociocognitiva dos ECD, reforçando que as relações de poder se manifestam no e pelo discurso porque é através da linguagem que as ideologias são expressas e reproduzidas na sociedade. Segundo o autor (1998), esta teoria tem por objetivo compreender como uma estrutura ideológica se transforma na naturalização e aceitação de uma relação abusiva de poder e legitimadora de determinadas práticas sociodiscursivas. Assim, as dimensões discurso-sociedade se interligam porque os sistemas mentais, como o conhecimento e as crenças, são adquiridos e repassados discursivamente na arena social.

Dentro do estudo sociocognitivo, o controle social se dá pelas instâncias de produção do discurso e pelas estruturas discursivas. Nesse caso, as perguntas que se destacam para mostrar quem tem mais poder são: quem pode falar ou escrever alguma coisa para alguém? O que pode ser dito ou falado em uma determinada situação? E quem tem acesso às mais variadas formas de falar e escrever, assim como aos mais variados gêneros? Assim, quanto mais poderosa uma pessoa ou um grupo social, maior o seu acesso aos mais variados discursos.

Em relação aos gêneros jornalísticos, van Dijk (2005) vem apontando estratégias e estruturas que buscam enfatizar as características negativas das minorias e grupos estigmatizados e as características positivas do(s) grupo(s) dominante(s), como propõe

sociais e os grupos influenciam o comportamento linguístico dos indivíduos e também a cognição. Além disso, o autor salienta que a LC contribuiu no que tange à interdisciplinaridade, isto é, ela toma para si ideias e conceitos relacionados à linguagem de diversas áreas.

o quadrado da polarização ideológica. Baseando-se neste quadrado, os atores sociais, enquanto membros de um grupo, analisam outros atores, baseados em seus modelos mentais, por meio de uma relação do tipo “está do nosso lado ou não está do nosso lado”. Dessa forma, numa relação polarizada, um Nós se apresenta como positivo e um Eles como negativo. Assim, o autor descreve como as relações entre instituições e grupos sociais (re)produzem práticas discriminatórias e inequânimes.

Retomando o conceito de ideologia como crenças compartilhadas socialmente por um grupo, van Dijk (1998) afirma que a representação social é a base das crenças ideológicas, sendo ela, portanto, a responsável por nortear a consciência de um grupo a respeito de outro e direcionar uma relação polarizada entre Nós x Eles. O acontecimento envolvendo a revista francesa *Charlie Hebdo*, em janeiro de 2015, engloba crenças que remetem a um conhecimento histórico experimentado na sociedade através de outros ataques divulgados pela mídia, envolvendo os terroristas, os muçulmanos, o Islã e os ocidentais. E a maneira como tal divulgação aconteceu pode direcionar os leitores para valores e crenças hegemônicas ou alternativas e, como consequência, promover assimetrias simbólicas e sociais.

A Teoria da Polêmica

Em *Apologia da polêmica* (AMOSSY, 2017), o termo *polêmica* deixa de ser tratado pejorativamente como um mero debate inflamado e superficial para ser entendido como um fenômeno discursivo necessário à democracia e ao pluralismo social. Partindo de Perelman e Olbrechts-Tyteca, Amossy (2017) mostra como o dissenso está relacionado à diversidade de opiniões e que, portanto, é necessário nos momentos de deliberação sobre questões sociais prementes, em que os interlocutores, em busca de melhor solução para o problema discutido, aprofundam o debate democrático.

Embasada nos estudos retóricos da argumentação, Amossy (2017, p. 52, grifo da autora) enxerga a polêmica como a interação mais agonística das modalidades argumentativas, se representadas como um *continuum* “que vai da co-construção das respostas ao choque de teses antagônicas”. Nessa perspectiva, a estudiosa estabelece três traços fundamentais que definem uma polêmica: a dicotomização de opiniões, a polarização entre grupos e a desqualificação do adversário.

A dicotomização das opiniões e dos argumentos é responsável por radicalizar o debate e torná-lo por vezes quase impossível de se resolver, isto é, a polêmica dá lugar a um embate de valores, ideais e argumentos, materializado discursivamente em um conjunto de textos que o pesquisador reorganiza *a posteriori*, observando respostas distanciadas para questões comuns.

- | Uma análise crítico-discursiva da polarização Ocidente/Oriente na polêmica sobre o ataque à revista *Charlie Hebdo*

A polarização entre grupos sociais, como segundo aspecto, permite observar como a polêmica divide a sociedade em um ou outro polo, agrupando em cada um deles grupos sociais heterogêneos nem sempre reunidos pelos mesmos valores e argumentos, mas que passam a reforçar identidades de um Nós contra Eles e a rejeitar certos enunciados considerados intoleráveis.

Por fim, o terceiro traço da polêmica trata da desqualificação, que consiste em refutar, rebaixar, desautorizar os argumentos e os próprios atores do grupo adversário por meio de estratégias discursivas e retóricas. Os grupos polarizados tendem a se desqualificar ou desvalorizar mutuamente, e os limites para a violência no discurso de desqualificação são, em geral, determinados pelo gênero discursivo, veículo, etc.

Aprofundando o conceito de polarização de Amossy, enquanto a dicotomização torna opiniões inconciliáveis, é conceitual, a polarização divide o campo social, reagrupa participantes, estabelece inimigos. Para além do plano da enunciação, em que personagens concretos participam do debate como enunciadore, a polarização tem uma estrutura actancial (de agentes e atores) mais abstrata, pois se trata sempre de actantes abstratos, de adversários, que assumem papéis na polarização: seja de proponente ou defensor da proposta que inaugura a polêmica, seja de oponente, que defende ponto de vista contrário. Assim relacionada a papéis e a fenômenos identitários, os actantes não raramente se expressam através de relações Nós *versus* Eles, diante de um terceiro, ouvinte, espectador, que buscam persuadir.

É por se fundar em uma estrutura actancial, na qual os participantes mais diversos se juntam em dois grupos antagônicos, que a polarização é difícil de solucionar. Em princípio, se consideramos apenas os atores individuais, podemos imaginar que eles sejam capazes de mudar de posição argumentativa [...] Entretanto, “em certos contextos de debates, a pessoa só existe em função de seu papel” (Plantin, 2003, p. 286). Nesse sentido, a assimilação da posição defendida à pessoa do debatedor significa um fenômeno identitário cuja importância não deve ser subestimada. (AMOSSY, 2017, p. 57-58).

Em nosso trabalho, a polarização é o conceito mais importante do embasamento teórico-metodológico, uma vez que é por meio desta definição que podemos associar a Teoria Sociocognitiva do Discurso de Teun A. van Dijk (1998, 2005, 2015, 2016) e o estudo da Polêmica de Amossy (2017). A partir da citação acima, o quadro actancial proposto por Amossy é radicalizado pelos aspectos identitários implicados, o que van Dijk (2005) considera surgir de um conjunto de crenças partilhadas ou ideologias, que podem levar a distintas construções de versões do real. Ao criar uma imagem de si e do outro como

polos actanciais – proponentes e oponentes ou Nós e Eles –, os actantes filtram de forma polarizada o conhecimento sociocultural geral, tomando como verdades inquestionáveis crenças e valores que determinados grupos podem ter ou não. O quadrado da polarização ideológica é, de acordo com van Dijk (1998), um sistema avaliativo que atua na formulação de juízos de valor sobre o que é certo e/ou errado em relação a determinadas bases socioculturais, como as religiões, a prática do humor, a liberdade de expressão.

Entender os discursos polêmicos à luz dos fenômenos de polarização implicaria, assim, considerar os papéis actanciais encarnados nos atores e seus sistemas de crenças, valores e representações, inclusive sobre os próprios grupos envolvidos nos acontecimentos repercutidos, representações materializadas em estratégias discursivas que podem derivar em uma auto e outroapresentação entre grupos, em geral positiva, quando se trata do Nós, e negativa, quando se trata do adversário, percebido como Eles. As formas lexicais na descrição dos atores se mostram eficazes na observação desses processos de qualificação e desqualificação dos grupos envolvidos, assim como os esquemas argumentativos são importantes para se observar a dicotomização das opiniões, esta não se constituindo um objeto específico deste trabalho.

A partir da repercussão da polêmica no discurso da *Folha*, pretende-se descrever a representação que é feita dos atores envolvidos, de modo a observar se e como a polarização intergrupar ocorre, através de quais estruturas discursivas os adversários percebem a si mesmos e aos outros, e como o próprio jornal se insere entre esses dois grupos.

Análise do corpus

O material de análise deste artigo parte de um conjunto de nove textos, selecionados dentre os 23 que fizeram parte da amostra da referida dissertação, por ser os que têm como temática personagens do ataque à revista *Charlie Hebdo*. Publicados na versão *online* da *Folha de S. Paulo* entre 08 de janeiro e 30 de março de 2015 e disponíveis em seu acervo digital, compõem este *corpus* reduzido sete notícias, uma reportagem e um perfil.

Quanto ao procedimento analítico, faremos considerações sobre a polêmica como um todo e os papéis actanciais, segundo a Teoria da Polêmica de Amossy (2017), a seguir os textos serão analisados inicialmente pelas categorias discursivas relacionadas à descrição dos atores sociais propostas por van Dijk (2005), sobretudo associadas à lexicalização na representação dos grupos envolvidos. Em relação à abordagem, este trabalho se centra no tipo qualitativo (DENZIN; LINCOLN, 2006), já que ela ocorre por meio de uma interpretação inserida em uma realidade construída socialmente, inclusive mediante a produção e circulação de textos das mídias jornalísticas.

- | Uma análise crítico-discursiva da polarização Ocidente/Oriente na polêmica sobre o ataque à revista *Charlie Hebdo*

Partimos do pressuposto de que a circulação de textos sobre o atentado à revista *Charlie Hebdo* constitui uma polêmica, tal como foi analisado por Possenti (2016), colocando em confronto grupos e valores sociais, defendendo, de um lado, a liberdade de expressão e, de outro, os limites éticos para a prática de humor. Em relação ao trabalho de Possenti, pretendemos avançar em direção a uma análise mais detalhada dos grupos polarizados na polêmica e o modo como são representados os atores envolvidos e o posicionamento do jornal na polêmica.

A polêmica, valores e papéis actanciais

Os princípios que Sírio Possenti (2016) observou em sua análise sobre o ataque, liberdade de expressão *versus* limites éticos, também funcionam, em nosso *corpus*, como valores maiores que organizam a descrição inicial dos argumentos e grupos em confronto. Iniciamos com excertos da reportagem “Apesar de ameaças, editor não se intimidava” (FOLHA, 08/01/2015), publicada no dia 08 de janeiro de 2015:

(1) Depois do ataque, Charb, como era conhecido, passou a contar com proteção policial. Mas defendia a liberdade de expressão e não deixou de publicar charges polêmicas. “Usar nossa liberdade em um país livre não é provocação”, disse em entrevista à Folha naquela época. “Publicamos o desenho de Maomé para zombar da sharia”.

Em 2012, Charbonnier ignorou advertências do governo francês e publicou charges que mostravam Maomé nu e em poses pornográficas.

“Será que é razoável jogar lenha na fogueira”, perguntou Laurent Fabius, chanceler francês na época, ao fechar embaixadas francesas em mais de 20 países, diante dos protestos de muçulmanos.

Acima estão apresentados posicionamentos que oscilam entre a total liberdade de expressão e certa preocupação de autoridades com os limites e perigos que deveriam ser considerados. Outras matérias foram mais enfáticas em expressar o ponto de vista do incômodo dos Orientais diante do humor sem limites, como o excerto abaixo, retirado da notícia do dia 17 de janeiro de 2015:

(2) Milhares de pessoas protestaram nesta sexta-feira (16) em diversos países de maioria islâmica contra a publicação de uma caricatura de Maomé na última edição do jornal “Charlie Hebdo”.

A ilustração do profeta foi divulgada na capa do semanário francês, alvo do ataque feito pelos radicais islâmicos Said e Chérif Kouachi no dia 7, que deixou 12 mortos. Os irmãos franceses foram homenageados por manifestantes no Paquistão e na Turquia, que levaram cartazes “Nós somos Kouachi”. A expressão é uma paráfrase do lema dos atos contra o ataque, o “Je suis Charlie” (“Eu sou Charlie”). (Das agências de notícias, 17/01/2015).

Os excertos pontuam a existência dos actantes na polêmica: proponentes, afiliados ao discurso em defesa da liberdade de expressão e, logo, em defesa da revista, em geral composto por Ocidentais, ainda que alguns explicitem receios e gradações quanto às consequências do humor sem limites; oponentes, em geral Orientais, que insistem no respeito aos valores religiosos e que haja limites para o humor. Esses polos, na cobertura do jornal, são representados por autoridades, manifestantes, profissionais e pessoas próximas às vítimas, constituindo grupos cuja identidade é dada pela defesa dos valores implicados.

Como este artigo busca detalhar as nuances da polarização intergrupual e o modo como a *Folha* descreve ora os atores Ocidentais, ora os atores Orientais envolvidos nos ataques, analisamos abaixo excertos que caracterizam terroristas e vítimas, considerando a categoria de descrição de atores de van Dijk.

A representação dos terroristas

A partir da análise do material coletado, selecionaram-se seis textos com maior ênfase na representação social dos terroristas, que pertencem majoritariamente aos gêneros informativos, de modo específico a notícia, manchete e chamada de primeira página.

Na análise dos textos, o enquadramento acerca dos perpetradores também visa a enfatizar a ascendência deles, associando-a ainda que de modo indireto à religião islâmica, como nos seguintes trechos retirados da chamada e das notícias *Terroristas islâmicos matam 12 em jornal de Paris; multidão vai às ruas; Terroristas matam 12 em jornal de Paris para ‘vingar Maomé’ e Polícia identifica atiradores como franceses de origem árabe*, respectivamente:

(03) a polícia identificou dois irmãos franceses de origem árabe, Said e Chérif Kouachi, de 34 e 32 anos, respectivamente, e Hamyd Mourad, 18 anos, como suspeitos. O mais jovem se rendeu à noite. Milhares de pessoas foram às ruas em várias cidades da França e do mundo.

- | Uma análise crítico-discursiva da polarização Ocidente/Oriente na polêmica sobre o ataque à revista *Charlie Hebdo*

(04) Em seguida à ação, os atiradores gritaram: “Nós vingamos o profeta Maomé”. Nenhum grupo assumia a autoria do atentado. O governo francês informou a identidade de dois dos três suspeitos, de origem árabe. O terceiro se entregou após uma grande operação policial.

(05) As identidades dos outros dois suspeitos foram confirmadas pela polícia de Paris na noite de quarta: os irmãos Said, 34, e Chérif Kouachi, 32 – franceses de origem árabe, que seriam moradores de Gennevilliers (periferia de Paris).

Tal ascendência também pode ser percebida no excerto abaixo do texto 18, *Islâmicos celebram extremistas em protestos contra caricaturas*:

(06) Na Argélia, país de onde vieram os pais dos irmãos Kouachi, a condenação aos desenhos foi repetida nos sermões desta sexta nas mesquitas, por ordem do Ministério de Assuntos Religiosos.

O que se percebe é que o jornal brasileiro trata as diferenças entre Ocidentais e Orientais como naturais, numa tentativa de fixar a diferença e legitimar as relações de poder estabelecidas, já que parece que ser francês e muçulmano ou ter origem árabe, ao mesmo tempo, não é compatível.

Nessa perspectiva, pergunta-se: será mesmo que a *Folha* não qualifica ninguém por meio da naturalidade, como indica o verbete *Preconceitos*, no seu Manual – MGR? Leia-se:

A **Folha** não admite preconceitos nos textos que publica. Ninguém é qualificado por sua origem étnica, naturalidade, confissão religiosa, situação social, preferências sexuais, deficiências físicas ou mentais, exceto quando essa qualificação for indispensável para tornar completa a informação que o texto veicula. (1987, p. 35).

Portanto, representar os terroristas por meio de sua religião e nacionalidade, o que exemplifica certa impessoalização, cria uma relação entre certos grupos e a propensão de realizar ataques terroristas, desconsiderando

A massiva exclusão socioeconômica sofrida pelos imigrantes islâmicos e de seus descendentes e a repetida desconsideração legal quanto às suas sensibilidades religiosas [...], sugerem que, apesar de formalmente inseridos enquanto cidadãos de direito, não têm sido incluídos com igualdade efetiva na sociedade [...] (BRUHN, 2018, p. 50).

Nesse sentido, há uma tendência em tratar os imigrantes muçulmanos como portadores de características de inimigos perigosos, visando a proteger o “nosso” povo. Essa proteção é abordada no texto *Operação na Europa detém 31 suspeitos de terrorismo*, que levanta a temática do antiterrorismo. Assim, pensando no quadrado da polarização ideológica, proposto por van Dijk, esta notícia tenderá a exaltar as qualidades dos Ocidentais e minimizar os pontos negativos deste grupo, conforme se percebe, inicialmente, por meio do *lead*:

(07) Após ataques em Paris, polícia tenta dismantlar células de radicais.

Continente é reduto de jovens jihadistas; para Europol, estrutura de redes dificulta muito a prevenção de atentados.

Como o *lead* noticioso responde as questões básicas do fato abordado (“o que?”; “quem?”; “onde?”, “quando?”, “como?”, “por quê?”), concluímos que os sete primeiros parágrafos abordam a operação policial europeia contra terroristas como um símbolo de eficiência do Estado.

Além disso, também foram encontradas as metáforas de *caçada aos terroristas* e de *caça a suspeitos*, realçando a natureza ameaçadora deste grupo ao estabelecer uma relação de semelhança entre os terroristas e os animais. Também outra passagem descreve os terroristas como incapazes, conforme o excerto abaixo retirado do texto *Terroristas devolvem cão a dono do carro*:

(08) Além disso, nos dias seguintes ao atentado, os Kouachi não conseguiram traçar um plano de fuga.

Por meio dos exemplos anteriores, percebemos que os perpetradores do ataque são individualizados e se transformam em tópicos da narrativa, sendo constantemente retomados pelos textos da *Folha* não só como protagonistas dos acontecimentos, mas também associados à sua ascendência árabe, à sua religião, ao terrorismo; ao passo que os europeus são considerados vítimas inofensivas e defensores atrevidos dos direitos humanos.

A representação das vítimas: jornalistas, cartunistas e policiais

Como uma parte dos três textos nesta seção em análise foi publicada um dia após o ataque, infere-se que as intenções e os objetivos eram passar informações precisas e importantes sobre as vítimas, dando a elas uma identidade e apresentando dados relevantes

- | Uma análise crítico-discursiva da polarização Ocidente/Oriente na polêmica sobre o ataque à revista *Charlie Hebdo*

sobre as mesmas. Como veremos, as escolhas lexicais contribuem para o favoritismo dos membros deste grupo, descrevendo-os por meio de atributos individualizantes e profissionais, bem como em termos de resistência e vitimização.

De modo inverso ao tradicional, observamos aqui que o título do texto *Apesar de ameaças, editor não se intimidava* se inicia com uma concessão e poderia se concentrar na característica negativa do indivíduo apresentado como editor. Entretanto, ao dizer que o profissional não se abatia diante das ameaças recebidas, observa-se que a notícia se desenvolverá de modo a descrever tal vítima como um profissional corajoso e resistente.

O mesmo ocorre no título do texto *Cartunista morto era visto como lenda entre colegas franceses*, em que a metáfora *lenda* descreve o profissional como uma pessoa cujos feitos profissionais eram extraordinários. Além disso, na notícia *Polícia identifica atiradores como franceses de origem árabe*, encontrou-se a seguinte metonímia para descrever os jornalistas/cartunistas que foram assassinados no ataque:

(09) Quatro eram os cérebros e os traços da “Charlie Hebdo”: o diretor de redação Stéphane Charbonnier, o Charb, Jean Cabut, o Cabu, Georges Wolinski e Bernard Verlhac, o Tignous.

Esta metonímia consiste em descrever tais vítimas a partir de suas competências profissionais, no sentido em que os termos “cérebro” e “traços” nos permitem conhecer tais pessoas como inteligentes e trabalhadoras.

Já em termos de vitimização, os termos “mortos”, “feridos”, “vítimas” e “alvos”, permeados por todo o *corpus*, exemplificam este atributo.

No que tange à análise da representação dos atores que compõem o grupo das vítimas do ataque, observou-se que a narração do fato ocorrido no dia 07 de janeiro de 2015 investiu em tais personagens a partir de suas histórias individuais e, por isso, determinados ângulos foram selecionados para suportar tais personagens.

Os suportes escolhidos para sustentar tais personagens são baseados na estratégia global de autoapresentação positiva, o que pode ser comprovado por meio da análise dos títulos, das figuras de linguagem e dos outros aspectos já apresentados.

Ao nomear e profissionalizar tais vítimas, o que se infere é uma tendência a dar destaque a elas. Em contrapartida, outras vítimas não tiveram este mesmo destaque. Veja o exemplo abaixo retirado do texto *Polícia identifica atiradores como franceses de origem árabe*:

(10) Dentro do prédio, onze pessoas foram mortas – oito eram jornalistas/cartunistas, um era um convidado da redação e um funcionário da manutenção do prédio.

A partir disso, podemos pressupor que, ao dar ênfase a vítimas específicas, a *Folha* já estabelece sutilmente seu posicionamento diante da polêmica da liberdade de expressão, já que as vítimas destacadas pelo jornal brasileiro defendiam este direito. Leia mais um trecho retirado da mesma notícia:

(11) Os terroristas mataram ainda policiais que protegiam o prédio em virtude das ameaças de extremistas. Um deles, Ahmed Merabet, agonizava na calçada quando um dos terroristas disparou em sua cabeça.

Aqui, notamos que uma das vítimas do ataque foi representada pelo seu nome completo, *Ahmed Merabet*, e pela sua profissão (policial). Entretanto, mesmo com a morte cruel, esta vítima teve pouco destaque, tanto no que tange à representação dos muçulmanos, já que ele praticava o Islamismo, quanto no que diz respeito ao grupo das vítimas. Uma hipótese já foi apresentada para explicar o porquê disso: ao dar papel de destaque às vítimas jornalistas/cartunistas, sutilmente, a *Folha* expressa o seu posicionamento diante da polêmica suscitada com o ataque.

Conclusão

Por ser uma instituição midiática, a FSP é capaz de propor e consolidar representações sobre grupos sociais minoritários, renegando ou estigmatizando os discursos e os sistemas de valores dessas minorias. Como essas representações são construídas a partir de valores de grupos sociais dominantes, é preciso explorar seu discurso, a fim de verificar seus posicionamentos e relações de poder. Assim, buscamos compreender como o discurso desvela a construção de representações que favorecem o preconceito contra os islâmicos e seus valores, reificando os pretensos valores ocidentais, como a democracia e a liberdade de expressão.

Por intermédio da análise crítica da representação de grupos envolvidos na cobertura da polêmica, o que se percebe é um esforço, por parte do jornal brasileiro, de representar de forma negativa os Orientais, por meio de estruturas discursivas que estereotipam os islâmicos e reforçam o caráter ameaçador dos terroristas. A repetição constante desta religião e da etnia árabe na cobertura do ataque pode contribuir para que os muçulmanos e árabes sejam tratados com preconceito.

- | Uma análise crítico-discursiva da polarização Ocidente/Oriente na polêmica sobre o ataque à revista *Charlie Hebdo*

Quanto aos Ocidentais, pode-se afirmar que foram representados como benévolos e comprometidos com os valores democráticos, além de serem enquadrados como isentos de qualquer responsabilidade no ataque, o que não é consensual. Isso não quer dizer que se concorde com o ataque, mas deve-se também limitar eticamente a liberdade de expressão diante de algo que é sagrado para o outro. Com isso, a *Folha* atua como agente do poder ocidental, buscando justificar os discursos da *Charlie* pelo ideal da liberdade de expressão, defensora deste direito.

Os resultados do material analisado mostraram que a *Folha de S. Paulo* repercutiu as fontes oficiais governamentais de países ocidentais, como a França, Estados Unidos, Alemanha e até mesmo o Brasil. Junto a isso, também teve o acesso a fontes militares do Ocidente, como a Europol, sobrando pequeno espaço para o confronto das diferentes perspectivas em jogo. Baseando-se no que Amossy aborda em *Apologia da polêmica* (2017), esse desacordo conflitual seria necessário porque faz parte do espírito democrático tão celebrado pelo Ocidente se mover. Nesse sentido, não podemos afirmar que houve abuso de poder por parte do jornal brasileiro, fazendo jus ao seu lema “um jornal a serviço do Brasil”, apesar de os textos constituírem representações assimétricas dos diferentes atores envolvidos no ataque e favorecendo o discurso eurocentrista.

Desse modo, a FSP revela a sua insensibilidade ao não levar em conta as relações de poder que perpassam as relações entre Ocidentais e Orientais, bem como as diferenças entre esses grupos. Nesse sentido, mesmo se definindo como pluralista, notamos que a FSP visa a assegurar o consenso sobre a representação negativa dos Orientais, alicerçando o seu posicionamento no discurso eurocêntrico.

Referências

ACERVO FOLHA. (08/janeiro/2015). **Terroristas islâmicos matam 12 em jornal de Paris; multidão vai às ruas**. Disponível em: <https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/4/65/97/5976504/600/5976504.jpg>. Acesso em: 12 ago. 2018.

ACERVO FOLHA. **Terroristas matam 12 em jornal de Paris para ‘vingar Maomé’**. Disponível em: <https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/5/65/97/5976505/600/5976505.jpg>. Acesso em: 12 ago. 2018.

ACERVO FOLHA. **Polícia identifica dois atiradores como franceses de origem árabe**. Disponível em: <https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/7/65/97/5976507/600/5976507.jpg>. Acesso em: 12 ago. 2018.

ACERVO FOLHA. **Apesar de ameaças, editor não se intimidava.** Disponível em: <https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/97/64/97/5976497/600/5976497.jpg>. Acesso em: 12 ago. 2018.

ACERVO FOLHA. **Cartunista morto era visto como lenda entre colegas franceses.** Disponível em: <https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/97/64/97/5976497/600/5976497.jpg>. Acesso em: 12 ago. 2018.

ACERVO FOLHA. (10/01/2015). **Terroristas devolveram cão a dono do carro.** Disponível em: <https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/6/67/97/5976706/600/5976706.jpg>. Acesso em 12 ago. 2018.

ACERVO FOLHA. (17/01/2015). **Operação detém 31 suspeitos de terrorismo na Europa.** Disponível em: <https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/15/74/97/5977415/600/5977415.jpg>. Acesso em: 27 maio 2018.

ACERVO FOLHA. **Islâmicos celebram extremistas em protestos contra caricaturas.** Disponível em: <https://acervo.folha.uol.com.br/files/flip/11/15/74/97/5977415/600/5977415.jpg>. Acesso em: 27 maio 2018.

AMOSSY, R. **Apologia da polêmica.** Tradução Rosalice Botelho Wakin Souza Pinto *et al.* São Paulo: Contexto, 2017.

AMOSSY, R. Por uma análise discursiva e argumentativa da polêmica. Tradução Ângela Maria da Silva Corrêa. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 13, p. 227-224, jan./jun. 2017.

APT, M. K. **Discurso e poder: o modelo mental como instrumento ideológico de manipulação.** 2010. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-08022011-124024/>. Acesso em: 21 ago. 2018.

BRUHN, L. de H. **A territorialização de imaginários identitários globais: os enquadramentos midiáticos do caso *Charlie Hebdo* no *Jornal nacional*.** 2018. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/333146>. Acesso em: 09 out. 2019.

- | Uma análise crítico-discursiva da polarização Ocidente/Oriente na polêmica sobre o ataque à revista *Charlie Hebdo*

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. *In*: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41 (cap. 1).

MANUAL Geral da Redação. 2. ed. São Paulo: Folha de São Paulo, 1987.

MARCHETE, A. C. P. **Mais notícias sobre a *Charlie Hebdo***: a representação social dos religiosos islâmicos na *Folha de S.Paulo*. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

MARCHETE, A. C. P. Mais notícias sobre a *Charlie Hebdo*: a representação social dos religiosos islâmicos na *Folha de S.Paulo*. *In*: BARCELOS, L. M.; SANTOS, A. P.; VILHAGRA, L. (org.). **As contribuições dos estudos linguísticos na contemporaneidade**. Vitória: Identidade, 2019. p. 46-69.

POSSENTI, S. Humor e censura: delimitando um campo? *In*: AREIAS, L.; PINHEIRO, L. (org.). **De Lisboa para o mundo: ensaios sobre o humor luso-hispânico**, 2013, p. 347-362. Disponível em: <http://pt.calameo.com/read/0018279774e8460344095>.

POSSENTI, S. Ser ou não ser, eis a questão. **Revista Educação e Linguagens**, v. 4, p. 1-11, 2016.

SAID, E. W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. 1ª reimpr. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

VAN DIJK, T. A. Discurso-cognição-sociedade: estado atual e perspectivas da abordagem sociocognitiva do discurso. Tradução de Pedro Theobald. **Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS**, Porto Alegre, v. 9, n. esp. (supl.), s8-s29, nov. 2016.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. Judith Hoffnagel, Karina Falcone (org.). 2. ed. 2. reimpr. São Paulo: Contexto, 2015.

VAN DIJK, T. A. **Ideology – a multidisciplinary approach**. London: Sage Publications, 1998.

VAN DIJK, T. A. **Politics, Ideology, and Discourse**. Elsevier Encyclopedia of Language and Linguistics. Volume on Politics and Language (Ruth Wodak, Ed.), p. 728-740, 2005. Disponível em: <http://www.discourses.org/OldArticles/Politics,%20Ideology%20and%20Discourse.pdf>. Acesso em: 16 maio 2018.

WODAK, R. **Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos**. 2004. Disponível em: http://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/viewFile/297/313. Acesso em: 16 jul. 2015.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: MARCHETE, Ana Clara Partelli; ALMEIDA, Julia. Uma análise crítico-discursiva da polarização Ocidente/Oriente na polêmica sobre o ataque à revista Charlie Hebdo. **Revista do GEL**, v. 18, n. 2, p. 88-104, 2021. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

Submetido em: 24/02/2021 | Aceito em: 16/04/2021.
